

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuales, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 27 de fevereiro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

A educação physica, por Palermo de Faria.—As espingardas das sociedades de tiro.—Associação dos Atiradores Civis Estrella.—Carreira de tiro.—Um curioso phenomeno: o rasto visivel dos projecteis, por A. Laguerre.—Concursos de tiro: Suissa, 1895.—Quem caça? por Jules M...—Aos presbytes.—Grande tiro da exposição nacional: Genebra, 1896.—Egrima: professores e atiradores, por L. Chanas.—Aventura cyngetica.—A baleia.

alimentar o organismo, e exigir lhes doutramento em letras e sciencias, é querer destruir de todo o que ainda ha n esta raça de são e varonil, de util e aproveitavel.

Não temos peso, nem auctoridade para levar a todos o convencimento de que não basta ser sabio, é preciso tambem ser homem, mas não deixaremos por isso de accentuar, quanto sentimos que não se eduquem os nossos filhos como aconselha a boa e sã rasão, como indica o primeiro dos deveres: a conservação da raça.

Descaimos sensivelmente; perdemos n'um seculo o que durante muitos haviamos diligenciado conservar, e admiramos-nos de que as gerações modernas vejam descrecer em progressão terrivel a duração da vida, como se não fossemos os culpados, e os culpados unicos, d'esta aterradora perspectiva.

E os paes são, incontestavelmente, os principaes cumplices d'esta orientação errada, d'este desvairemento, de que seremos victimas, se a tempo não lhe acudirmos com o remedio, que é facil e de todos conhecido. Se nos compenetrarmos bem de que melhor é ter filhos homens, fortes, robustos, sadios, capazes de defender os interesses proprios e os interesses do paiz, com todas as condições para lutar com vantagem e levar de vencia as difficuldades que se levantam, a cada passo, no caminho da vida, em vez de homens fracos, pusilamines, anemicos e nervosos, pediremos aos collegios e aos lyceus que organisem as classes de gymnastica e as classes de esgrima e diminuam um pouco essa tremenda bibliotheca, que, á força, pretendem accomodar em cerebros mal desenvolvidos e pouco preparados para tamanha exigencia e tão extraordinario fim.

O aphorismo latino: *mens sana in corpore sano* é ainda uma verdade, que os seculos não conseguiram destruir e que as gerações vindouras devem ter bem presente para que não caminhem vertiginosamente para um precipicio que não está longe e pôde d'um momento para outro servir-nos de sepultura ingloria, de triste e tenebroso anniquillamento.

Palermo de Faria.

As espingardas das sociedades de tiro

UMA circular do ministro da guerra da Republica Franceza, datada de 20 de janeiro proximo passado, auctoris a governador militar de Paris e os generaes commandantes dos corpos de exercito a entregar, a titulo de emprestimo, espingardas modelo 1886 e, a conta de reembolso, cartuchos do mesmo modelo, ás sociedades de tiro do exercito territorial e mixtas.

Esta auctorisação é subordinada a um certo numero de condições, taes como: duração limitada do emprestimo, execução dos tiros nas carreiras militares da guarnição, emprego exclusivo de munições regulamentares, restituição dos involucros dos cartuchos.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS ESTRELLA

LEMOUS no *Seculo*, e não podemos deixar de dizer que foi com desagradavel surpresa, a seguinte noticia:

«Reuniram hontem muitos membros d'aquella corporação, que reputam irregular a marcha que está seguindo e contraria ao bom principio associativo. Por esse tacto aquellos socios resolveram demittir-se e constituirem desde já o nucleo fundador do Grupo de Atiradores Civis Lisbonense.

A comissão installadora ficou assim constituída:

Antonio Egydio Dias d'Almeida, presidente; Tito Livio Pagani e Manuel dos Santos Constantino, secretarios; Firmino Antunes Barata, thesoureiro; Gonçalo Julio Figueira, relator; José Maria de Carvalho e Manuel Pagani, suplentes. A comissão ficou com plenos poderes para aggregar a si todos os individuos que julgue necesarios para o bom andamento dos trabalhos e reune todos os dias, ás 8 horas da noite, com excepção de sabbados e dias santificados.

Ficaram hontem inscriptos 25 associados, que reunirão brevemente para conclusão dos trabalhos.»

Magoam-nos profundamente estas decentralisações de sociedades, que não atingiram ainda o desenvolvimento preciso para se desdobrarem em grupos e em novas aggregações com a força autonómica indispensavel para não luctarem com difficuldades.

A idéa do tiro civil está ainda na infancia, entre nós; temol-o dito mais d'uma vez e não nos cançaremos de o repetir. E', pois, necessario que a boa vontade e a dedicacão de todos quantos se convencem de que o tiro nacional é a mais patriótica e a mais util de todas as instituições, tenda para o mesmo fim: a propaganda continua e tenaz em favor da idéa que as sociedades de tiro representam; e essa propaganda só terá valor e efficacia quando desapareçam as divergencias, quando se não estabeleçam antagonismos, que, definhando as associações, podem perdel-as e, com ellas, o principio que estão encarregadas de defender e generalisar.

A formação de sociedades de tiro e de grupos é precisa e até indispensavel, bem o sabemos, mas por enquanto parece-nos cedo de mais para esse desdobramento, que tudo pôde perder, arrastando consigo o tiro nacional, que a todo o custo é necessario manter.

A EDUCAÇÃO PHYSICA

HOUVE um tempo, não ha ainda muitos annos, em que pareceu estabelecer-se entre nós corrente favoravel á educação physica, e começou a considerar-se como indispensavel desenvolver o musculo a par do cerebro, e dar ás gerações vindouras que se apresentavam cada vez mais atrophiadas, a força de que precisavam para resistir mais effizazmente á lucta pela existencia, essa grande e eterna lucta de todos os seres vivos.

Infelizmente, esse movimento que poderia regenerar-nos e dar-nos os elementos indispensavéis para produzirmos trabalho util e proveitoso, acabando de vez com esses organismos enfezados e ráchticos, que teriam aptidões intellectuaes mas não poderiam applical-as por falta de forças physicas que lhes permitissem aturada applicação, foi posto de parte quasi totalmente e as modernas reformas em nada attenderam á parte muscular das creanças e só pensaram em obrigal-as a estudo de assumptos varios e complicados, que teriam toda a razão de ser ao lado das aulas de esgrima e de gymnastica, mas que nada conseguirão obter de organismos que se não prestam a tão precoce desenvolvimento.

Houve uma época tambem em que nas escolas municipaes se implantou o regimen militar, em que se formaram os batalhões escolares, destinados a habilitar para o mister das armas todas as creanças, inoculando-lhes no espirito a sã doutrina de que todo o cidadão deve ser soldado e fazendo-lhes perder essa repugnancia pela farda que ainda hoje não é raro encontrar pelas aldeias.

Mas, quatro linhas d'um artigo que fazia parte d'um decreto, derrocaram este edificio que tanto trabalho consumira e tanto custára a levantar e, conservandose os encargos escolares, desapareceram com tão obsoleta resolução as vantagens incontestaveis de tão patrioticos e tão bons principios.

E, no entanto, o pouco tempo em que existiram os batalhões escolares foi o sufficiente para demonstrar quanto era util a sua existencia e quão proveitosos nos poderiam ser os resultados.

Posta completamente de parte a educação physica, não ensinar ás creanças a desenvolver os musculos, não lhes dar ao sangue a força de que precisa para

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 23 do corrente, dispararam-se 940 tiros com a arma de guerra. A collocação dos alvos era a mesma da sessão passada.

Houve regular concorrência, sobretudo por parte das Associações *Atradores Civis Portuguezes* e *Estrella*, grupos *Patria* e *Suisso*. Os socios da primeira associação fizeram 420 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m	40 disparados	33 acertados
» » 200 ^m	60 »	31 »
» » 300 ^m	200 »	154 »
» » 400 ^m	120 »	88 »
Total...	420 »	306 »

Distinguiram-se no alvo *Gungunhana*, figura de joelhos, a 200^m, os srs. João Consiglieri Pedroso, 8 balas acertadas em 10; Joaquim de Sousa Padesca, 7 acertadas em 10.

No alvo a 300^m, os srs. Antonio Corrêa Pinheiro, 23 balas acertadas em 30, tiro de pé; Agostinho Manoel de Sousa, 15 acertadas em 20, uma *mouche*, tiro de pé; Adolpho Ferreira de Lima, 10 acertadas em 10, cinco *mouches*; mais uma vez apontamos o nome d'este joven atrador, que se está tornando notavel pela precisão das suas pontarias; Joaquim de Sousa Padesca, Pereira da Costa, Henrique Dumora e Gil Portocarrer, 10 acertadas em 10; João Moraes Carvella, 19 acertadas em 20, uma *mouche*; Luiz Arede Corrêa Saraiva, 6 acertadas em 10, duas *mouches*; João Torres, 17 acertadas em 20; Fraga Pery, Joaquim Carrilho e Francisco João Rosa, 6 acertadas em 10.

No alvo a 400^m, os srs. Gil Portocarrero, 33 acertadas em 40, com duas *mouches*; este resultado, de primeira ordem, vem mais uma vez confirmar os creditos do distincto atrador; Pereira da Costa, 13 acertadas em 20, tiro de pé; Antonio C. Pinheiro, 8 acertadas em 10, tiro de pé; Henrique Dumora e Fraga Pery, 8 acertadas em 10; Theodosio Baganha, 10 acertadas em 20; é tambem um jovem atrador que promete honrar a associação de que é socio e discipulo.

O dia não estava bom, o vento era de fortes rajadas e a luz má, devido a nuvens soltas que de continuo a interceptava.

UM CURIOSO PHENOMENO

O rasto visivel dos projecteis

ANDA a proposito d'este assumpto publicamos a seguinte carta dirigida ao *Tir National*, orgão official da União nacional das sociedades de tiro de França.

A carta é a seguinte:

«Paris, 10 de fevereiro de 1896.

Sr. redactor em chefe do *Tir National*.

Li em o n.º 6 duas cartas a respeito da visibilidade d'um projectil em movimento.

Esta visibilidade existiu sempre e não depende senão da velocidade do movimento, da direcção dos raios luminosos e da agudeza da visão do observador.

O seu correspondente attribue-o á inflamação da gordura que ficou presa ao projectil.

Póde haver verdade n'esta affirmativa, assim como póde contestar-se durante o tiro reduzido executado com os cartuchos da sociedade franceza; uma linha de fumo fica ás vezes apparentemente alguns segundos.

Mas não é sufficiente, creio eu, para tornar o phenomeno visivel até 200 e 300 metros.

Pude, outr'ora, seguir com o olhar as balas da espingarda de pistão e mais tarde, as da espingarda de caça não tendo estes dois projecteis gordura alguma.

Póde fazer-se na carreira de Maisons Laffite, a trajetoria dos projecteis do cartucho de carreira para a espingarda Lebel, é verdade que n'este ultimo caso,

a camisa é coberta por uma ligeira camada de vasilina.

Eis, segundo a minha opinião, a principal causa da visibilidade.

Todo o movel, atravessando um gaz ou um liquido arrasta consigo um cone da materia ambiente, sendo este cone de maior densidade se o meio é compressivel.

E' o que explica a gravidade das desordens notadas depois da perfuração do cerebro ou do abdomen.

Posso tambem citar o singular cartão feito por M. Trugnet, debaixo de chuva, na presença de M. Lermusiaux, por occasião da primeira prova do concurso de 1895; havia furos de 9, 10 e 11 e até um de 12 millimetros de diametro; a espingarda era de 8 millimetros e portanto evidente se torna que tinha sido arrastada uma certa quantidade de agua.

Sendo admittido o cone, é facil de explicar a visibilidade em certos casos, por differenças de densidade e grandeza dos angulos de refração, absolutamente como podiamos seguir, collocando-nos n'uma certa luz, os movimentos das camadas d'ar por cima d'uma fomalha aquecida.

N'uma palavra é uma verdadeira miragem.

Esta questão foi estudada ha um ou dois annos... na Austria creio eu...

Ter-se-iam até photographado as balas em movimento??

Dito isto noto com pezar a nossa

ignorancia na maior parte dos casos de

orden technica que digam respeito a balística e armamento.

O *Tir National* teria uma bella missão a cumprir, fazendo a nossa educação; por exemplo communicando-nos alguns extractos das revistas ou livros que tratam das questões de tiro e se publicam no estrangeiro.

Sinceros cumprimentos.

A. Laguerre,

Secretario da Sociedade de tiro do 7.º Arrondissement.

CONCURSOS DE TIRO

SUISSA — 1896

ALÉM do grande concurso de tiro federal em Winterthur, realiado de 28 de julho a 7 de agosto de 1895, houve mais na Suissa, no anno findo, os seguintes concursos:

De 9 a 12 de maio—Tiro franco pela Sociedade de tiro da cidade de Lucerna.

De 10 a 13 de maio—Tiro franco pela Sociedade de tiro da cidade de Aarberg.

De 11 a 14 de maio—Tiro franco pela Sociedade de tiro da cidade de Sangnan.

De 23 a 28 de maio—Tiro cantonal em Saint-Gall.

De 18 a 21 de maio—Tiro franco pela Sociedade de tiro de Koppigen.

De 16 a 17 de junho—Tiro franco pela Sociedade de tiro de Saint-Imier.

De 16 a 17 de junho—Tiro franco pelas *Armas reunidas de Chaux de fonds*.

De 30 de outubro a 7 de julho—Tiro cantonal em Soleure.

De 30 de junho a 7 de julho—Tiro franco das Sociedades reunidas da cidade de Berne.

De 15 a 18 de agosto—Tiro cantonal liberal em Bellinzona.

De 5 a 8 de outubro—Tiro franco dos *Exercices de l'Arquebuse et de la Navigation* na carreira de Saint-Georges, em Geneva.

De 6 a 9 de outubro—Tiro cantonal em Nidwald em Stans.

QUEREM CAÇA?

QUEREM caçar não é verdade, srs. caçadores? Como é possível realizar este desejo?

E' um problema que vamos tentar resolver, passando em revista as causas do desaparecimento da caça, que se accentua cada vez mais, e procurando o meio de remediar eficazmente este mal.

Em primeiro logar todos sabem que o maior inimigo da caça é o caçador furtivo, e apesar da perseguição constante, não ha meio de acabar com elle. E só poderia acabar-se prohibindo a venda da caça. Mas d'esta medida resultaria um grande inconveniente.

Na verdade, enquanto os caçadores depois do prazer de matar a caça tinham o de a saborear, os que não são caçadores e que não tivessem amigos bastante dedicados para lhes dar de tempos a tempos uma lebre ou algumas perdizes não teriam uma nem outra d'essas alegrias. E ainda que tivessem amigos, não é menos certo que raras vezes comeriam caça. Em summa, este processo parece-me não só egoista, mas até um pouco ingenuo.

M. de la Palisse, dizia d'um modo muito simples: «Queremos supprimir o caçador furtivo, suprimamos a caça.»

Portanto, visto que não podemos remediar de maneira sufficiente o mal que nos causa este odioso attentado á propriedade da caça, vejamos se ha outro melhor.

Quaes são os outros inimigos da caça? Parece-me que não ha senão tres; (é claro que não conto os caçadores).

Em primeiro logar o *mau tempo*, mas como não somos senhores d'elle, nada podemos fazer.

Seguem-se os animaes, taes como o corvo, a pega, a doninha, etc., que pululam e que, apesar da guerra que se lhes faz, são sempre muito numerosos. Nunca se destruirão, seria o mesmo que pretender esgotar o oceano.

Finalmente não podemos remediar o enorme mal que fazem á caça certos trabalhos de campo indispensaveis, feitos precisamente no momento em que ella se reproduz.

Não ha, pois, segundo a minha opinião, senão dois meios para termos caça e que se podem empregar com probabilidade de exito.

1.º—Diminuir o numero de caçadores.

2.º—Lançar caça para os campos, na occasião de começar o defeso.

Para diminuir o numero de caçadores bastaria simplesmente não dar licenças de caça senão ás pessoas que pagassem um certo imposto ao governo, ou augmentar muito o preço das licenças. Mas o resultado seria impedir os pequenos proprietarios, os amadores pobres que gostam da caça, de se entregarem a este divertimento, nos momentos de ocio. Portanto o primeiro meio indicado seria profundamente injusto e por consequencia deve regeitar-se.

Quanto ao segundo, não tem os inconvenientes do precedente e tem vantagens.

E' preciso semear para colher, diz o proverbio. O mesmo se dá com a caça; para que não desapareça, é preciso dá-la aos campos ao começar do defeso. D'outro modo, esgotar-se-ha por fim, admitindo que é mais facil a destruição do que a reproducção.

O que é preciso fazer então?

E' muito simples: Peça-se ao Estado que ponha de lado uma parte, embora pequena, do dinheiro que lhe damos para ter o direito de caçar. Com este dinheiro comprar-se-ha a caça em paizes mais favorecidos do que o nosso, e distribuir-se-ha, ou por cada cantão, ou por cada communa, etc., *proporcionalmente* á quantia recebida.

E' este, segundo a minha opinião um dos meios mais seguros de restituir á França esses bellos dias d'outr'ora em que não podia sahir-se com uma espingarda sem voltar com uma boa provisão de perdizes e uma ou duas lebres pelo menos... o que hoje não acontece muitas vezes.

Jules M...

Como se vê, os caçadores francezes queixam-se de males parecidos aos nossos. A caça escasseia de anno para anno e não ha meio de impedir que a destruição se faça por todos os meios e por todas as formas, sem respeito pela lei e sem medo da condemnação.

Não está longe a epoca em que se tenham perdido por completo muitas especies. Como evital-o entre nós? Com uma lei severa e um castigo exemplar e talvez tambem com a applicação do systema aconselhado pelo escriptor francez.

Entre nós, porém, nem sequer as licenças para caçar são cousa que avulte. Os caçadores amadores tem licença, os restantes... não usam espingarda, empregam a armadilha e destroem tudo com um vandalismo que difficilmente pôde evitar-se mas cujo castigo applaudiríamos com verdadeira satisfação.

No proximo domingo, 1 de março, começa o periodo em que o direito de caçar cessa, começa essa época conhecida entre nós com o nome de *Defeso*. Pois estamos convencidos de que, como nos annos anteriores, a lei não será cumprida e a cada passo se encontrarão armadilhas e ratoeiras, e não raro será tambem encontrar uns sujeitos, que se digam caçadores, armados de espingardas e dispostos a chumbar tudo quanto lhes appareca.

Em França, onde a policia rural está bem organizada, o abuso é flagrante, entre nós, onde não ha policia alguma, onde pelos campos se faz o que se quer, imagina-se facilmente o que succede.

Publicaremos da melhor vontade todas as reclamações que nos enviarem, e affirmamos que não occultaremos nomes nem localidades, para que nos não accussem de não apontar ás auctoridades os que abusam.

Os caçadores verdadeiramente dignos d'este nome que nos auxiliem n'este empenho.

AOS PRESBYTOS

UM membro da *União das Sociedades de tiro de França* acaba de descobrir um phenomeno physico, que prestará excellentes serviços a muitos atiradores, que, soffrendo de presbytismo (vista caçada), se viam privados de atirar ao alvo.

Um dia, tendo fixado um disco n'uma arma, viu, ao atirar, que a mira da alça, que havia ficado no seu lugar, se lhe apresentava com grande nitidez.

Para verificar o facto, tirou o vidro direito da luneta, substituiu-o por uma lamina de zinco, tendo um furo com meio

millimetro de diametro e serviu-se d'ella para apontar com uma arma de alça ordinaria; a nitidez continuava a ser perfeita.

Póde, pois, fazer-se a seguinte experiencia: pega-se n'um cartão e fura-se com um alfinete; por esta abertura pôdem lêr-se caracteres muito pequenos a 10 ou 15 centimetros do olho, o que seria impossivel sem luneta. O meio é simples e ao alcance de todos; oxalá seja aproveitavel a todos os presbytos do mundo.

GRANDE TIRO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL

GENEVBRA — 1896

(Concluido do numero antecedente)

PLANO DO TIRO

B

Revolver

Distancia 50 metros

Alvo Genebra

Visual 50 centimetros. Série unica de 12 tiros para disparar consecutivamente, 6 francos. A mesma organização que no alvo *Patria-Carabina*.

Premios

1.^a categoria: A melhor série, 100 francos; 50.^o e ultimo, 6 francos para um total de 920 francos.

2.^a categoria: Ao mais perto do centro; 1.^o premio, 100 francos; 50.^o e ultimo, 6 francos para um total de 920 francos. 10 % dos donativos de honra e 50 % da receita d'este alvo formarão os premios.

Alvo Dufour

Visual 50.^o, dividida em 25 pontos; agrupamento 4.^o para os premios da 2.^a categoria.

Preço da série de 3 tiros simples, 2 francos, de 3 tiros simples, 4 francos. A mesma organização de que no alvo *Carabina-Exposição*.

Premios

Premios (ás 3 melhores séries de cada atirador):

1.^a categoria: 2.^o premio, 80 francos; 60.^o e ultimo, 5 francos para um total de 800 francos.

2.^a categoria, ao melhor agrupamento de cada atirador: 1.^o premio, 80 francos; 60.^o e ultimo, 5 francos.

Premios de cartões: numeros 17 a 25 (14.^o) contam como cartões. Vantagens como no alvo *Exposição*.

Alvo Livre

Ao mais perto do centro.

Visual 50.^o, cartão 23.^o; agrupamento 4.^o para os premios. Série de 6 tiros simples, 1 franco e 50, de 6 tiros duplos, 3 francos.

Premios

Premio ao melhor agrupamento de cada atirador: 1.^o premio, 50 francos; 50.^o e ultimo, 5 francos para um total de 600 francos. Premios de cartões como nos livres Carabinas.

N. B.—A comissão reserva-se o direito de alterar, depois de estudo mais meditado, o diametro do cartão, nos *Alvos livres* a 400^m e *Futuro* a 500^m.

Premios

A comissão teve todo o cuidado com os premios de modo a contentar os mais difficeis. Todo o atirador poderá obter

um exemplar de cada um d'elles em cada cathegoria de alvo: a 300^m, alvo *Exposição*; 300^m a 400^m, alvo *Livre-Carabina*; 500^m, alvo *Futuro*; 50^m (revólver), alvo *Dufour*; e 50^m (revólver) alvo *Livre*.

Estes premios serão os seguintes:

Por 5 francos, medalha commemorativa em bronze.

Por 10 francos, medalha commemorativa de prata.

Por 50 francos, relógio de prata para homem.

Por 100 francos, salva de prata, estylo Luiz xv.

Por 150 francos, relógio de ouro para senhora com decoraçáo em esmalte.

(Da *Gazette des Carabiniers Suisses*).

ESGRIMA

Professores e atiradores

COM este titulo publica o ultimo numero do magnifico periodico *Le Chasseur français*, o seguinte:

«E' surprehendente que os esgrimistas, que no entanto se recrutam, quasi inteiramente, nas classes elevadas da sociedade, tenham até hoje dado prova d'uma falta de methodo e de discernimento que surprehenderia muitos individuos seus inferiores. Parece-me necessario dar alguma ordem a tudo isto e mostrar finalmente as cousas taes quaes ellas são.

«Entre os numerosos casos que todos os dias nos impressionam, ha um que não podemos deixar passar em silencio; é a confusão completa e universalmente acceita, entre o amator d'armas, isto é toda a pessoa que faz uso das armas por divertimento, e o professor d'armas, encarregado de ensinar os primeiros. Esta confusão é tal que, para escolher um professor se exigem d'elle, unicamente, as qualidades brilhantes do amator, e a fama até dos professores não tem outro fundamento senão esta apparencia.

«Não é, no entanto, necessario entregarmos-nos a meditações muito profundas, para notar as innumeradas differenças que deveriam distinguir uns e outros, e esta distincção está estabelecida ha muito tempo em todos os outros ramos d'artes ou sciencias. E' reconhecido que um excellent cantor pode ter a impossibilidade de ensinar uma nota de musica, que um pintor de talento seria muitas vezes incapaz de explicar a outros o processo porque obteve um effeito maravilhoso.

«Porque não tem sido feita a mesma observação na esgrima? No entanto tem duas partes bem distinctas: a theoria e a execução, devendo a primeira ser o forte do professor, a segunda o unico fim do amator.

«Evidentemente não pôde prescindir-se absolutamente d'uma d'ellas, isto é que ha o direito de exigir do professor execução bastante para estar no caso de ensinar praticamente a theoria e o amator não deve reter da theoria senão os elementos indispensaveis para a execução. Se o professor em vez de procurar brilhar pessoalmente nos assaltos, se occupasse do ensino, pensasse em aperfeiçoar o seu methodo, procurasse formar uma idéa bem nitida de todas as partes da sua arte e da sua agencia, não deixaria certamente de ter discipulos de valor e adeptos entusiastas; a maior parte das vezes, os seus discipulos ser-lhe-iam superiores como *executantes* e teria o di-

reito de orgulhar-se em vez de ter inveja, como acontece com a maior parte dos nossos professores que tem que salvar a sua reputação d'amadores e que não ensinam aos seus discípulos *tudo* quanto sabem, ainda mesmo quando não sabem grande coisa.

«Tanto os particulares, como as casas de educação deixam-se guiar, na escolha d'um mestre d'armas, pelas reputações que adquirem alguns, sempre os mesmos, nos assaltos publicos ou particulares; é um grande erro. Isto prova que caímos sempre no caso que Beaumarchais citava: «Era preciso um calculador, obtivemos um dançarino.» Ainda uma vez, o melhor atirador pode ser um mestre detestavel. Para saber qual é o valor d'um professor, não se devem contaros golpes que deu ou recebeu em tal assalto famoso; é preciso ver o que podem fazer os seus discipulos e não elle. Tenciono apresentar proximamente os principios absolutos que permitem reconhecer um professor e um atirador; talvez assim consiga abrir os olhos a todos aquelles que são cegos.

L. Chanas.

AVENTURA CYNETICA

A *Libre Parole* conta o seguinte caso succedido ao presidente da Republica franceza, Mr. Felix Faure.

Foi poucos dias antes da partida do presidente para as grandes manobras d'Este.

Mr. Felix Faure caçava nas propriedades de Mr. Serge, seu genro, nos arredores do Havre.

Durante todo o dia, tinha batido a planície, saltado muros e fossos em procura de lebres e perdizes, de olho sempre á alerta e arma engatilhada.

Anoiteceu, porém, e a fadiga invadiu de repente as pernas presidenciaes. Então, Mr. Felix Faure chamou o fiel Anthine Benzebec, o homem de confiança de Mr. Serge, que, da estrada, seguia o caçador guiando uma modesta *charrette*.

— Estou fatigado, meu bom Anthine.

— Suba para o carro, sr. presidente, respondeu o camponez.

E Mr. Felix Faure subiu.

Mas eis que de repente salta uma lebre, que corre, sem grande pressa, pela beira da estrada.

— Que bello tiro, disse consigo Mr. Felix Faure.

E mette a arma á cara.

Passa-se um segundo, o presidente aponta ainda e, finalmente, puxa o gatilho.

A lebre continúa o seu caminho e o cavallo cae.

O pobre animal acabava de receber toda a carga na cabeça e a orelha caí-lhe completamente separada do craneo.

Anthine Benzebec fica pallido como um cadaver e as pernas do presidente dobram se.

— Pobre animal! murmurou o camponez.

— Não o fiz de proposito, lhe replica Mr. Felix Faure.

Voltaram tristes para casa.

Final, é melhor ferir um cavallo, como fez o actual presidente, do que crivar de chumbos um general, á semelhança d'um dos seus predecessores.

A BALEIA

(Continuado do n.º 51)

For assim que os pescadores foram forçados a abandonar as aguas do Spitzberg, para irem para o grande banco de gelo que limita, a noroeste, o mar da Groenlandia.

Foi principalmente n'estas paragens, isto é entre 78º e 81º de latitude norte, ou no estreito de Davis, na ilha de Disco, que a pesca da baleia se continuou com mais actividade depois do meado do seculo xvii.

Mas estes ultimos mares tornaram-se desertos por sua vez, de modo que as baleeiras inglezas são forçadas hoje a avançar atravez dos gelos, na bahia Baffin, até ao estreito de Lancaster e até á bahia de Melville. Se é verdade que existe ao redor do polo norte um mar livre de gelo durante o verão, como pensam os ousados pioneiros que para ali se dirigem, cheios de esperança, o descobrimento d'este mar arctico, é provavel que traga consigo o de batalhões de baleias refugiadas n'estas paragens ainda virgens de todo o trabalho humano.

Não é unicamente aos mares arcticos que os pescadores levaram as suas corajosas expedições. As regiões antarcticas foram igualmente exploradas. No começo do seculo xviii, pescadores do Massachusetts (America) começaram a dirigir-se para o polo sul. Navegaram nas aguas de Cabo Verde, nas costas sudoeste da Africa, ao longo das costas do Brazil e Paraguay, até ás ilhas Falkland, desde então os inglezes fizeram tambem pesca ao sul, e os navios d'estas duas nações sulcaram não só as partes austraes do oceano Atlantico, mas toda a extensão do grande oceano.

Os americanos tem hoje mais de trezentos navios baleeiros, que dão excellentes lucros. Alguns navios francezes, mas em pequeno numero, tem explorado estas mesmas paragens.

A costa oeste da Africa, a bahia de Lagoa, a embocadura do La Plata, as costas da Patagonia, a Nova Hollanda, Van-Diémen, Nova-Zelandia e as ilhas Sandwich são as principaes regiões frequentadas pelos baleeiros dos dois mundos.

Depois d'esta exposição historica, descreveremos a pesca da baleia, pesca tão differente de todas as outras, porque se trata d'um lucro immenso e d'um immenso perigo. Começaremos por fazer conhecer o processo mais antigo e por assim dizer classico; indicaremos em seguida methodo novo, que parece corresponder perfeitamente ás exigencias da situação presente.

Os navios de pesca que pertencem á França, Inglaterra, Estados Unidos, etc., são sempre acompanhados por cinco ou seis chalupas. Cada chalupa é ordinariamente tripulada por quatro remadores, um arpoador e um official.

Quando se chegou ás paragens onde se espera encontrar baleias, um homem é collocado de vigia n'um ponto elevado do navio, d'onde pode vêr para longe.

Apenas avista uma baleia dá o signal combinado e as embarcações são deitadas ao mar. A prôa de cada uma d'ellas vae o arpoador, á popa o official. Um e outro de olhar fito e pescoço estendido, espream a aproximação do gigantesco animal.

E' indicado por um redemoinho, um estremecimento submarino e um ruído analogo ao do trovão longiquo.

O animal apparece finalmente á superficie da agua. Já sabemos, segundo o dr. Thiercelin, porque alternativas de *sopro* e *sondas* o animal faz as suas evoluções no elemento liquido. O pescador repara na maneira porque a baleia inclinou a cauda para advinhar a direcção que tomou, e da presença da *boîte* de baleia á superficie e no fundo do mar, para saber se as *sondas* serão mais ou menos longas e modificar o seu procedimento segundo as necessidades de momento.

E' o conhecimento exacto d'estes pormenores que fazem o bom baleeiro. Assim as manobras da chalupa variam infinitamente, segundo as circumstancias.

Chega-se facilmente até á distancia de quinze ou vinte braças da baleia. Mas a difficuldade é chegar á distancia precisa para o ataque, isto é a duas ou tres braças. Devem receiar-se as pancadas da cauda ou das barbatanas. Quando a embarcação está bastante perto, o arpoador dispõe-se a atirar o arpão á baleia, arpão que é formado por uma haste de ferro que termina em fórma de V. Os bordos exteriores d'este V são cortantes e os interiores grossos e rectos, de modo que tendo entrado na carne, e ferro retido pelas duas pontas não pôde arrancar-se. Os bordos podem ser dentados. Este dardo tem mais d'um metro de comprimento. Está fixo a um cabo que tem um ferro ao qual se fixa uma corda com proximamente quatrocentos metros.

A arma vibra, atravessa o espaço, penetra nos tecidos, e vae fixar-se nas partes carnudas, deve notar-se que poucos harpões penetram á profundidade precisa, em cinco ou seis baleias picadas, acontece que só uma fica bem presa.

Se a distancia foi mal calculada, por falta de dextresa ou medo, o arpoador picou mal, a baleia desembarça-se rapidamente da arma que a feriu por viva contracção. Apenas livre, parte e é em vão que tentariam perseguil-a; perde-se de vista depois de quinze ou vinte minutos, arrasta até muitas vezes os seus companheiros e torna-se mais difficil approximar-se d'ella.

Se pelo contrario está bem presa, estremece e parece hesitar; excitada pela dôr, dispõe-se a fugir; impedida pelo dardo que tem cravado nas carnes, dá tempo a que arpoador por pouco habil que seja lhe pôde atirar segundo arpão; em todo o caso, passados alguns minutos muda. O official muda então de logar e vae occupar o seu posto. Até então commandou a manobra agora vae operar pessoalmente; tem elle o direito e o dever de matar o animal.

Já estão no mar mais de duzentas braças de linha, e o animal sonda sempre. A força de immersão é tão grande que se alguma cousa faz obstaculo ao movimento, a chalupa pôde suçostrar.

Difficilmente se pôde fazer idéa da serenidade que reclamam estas primeiras manobras; é preciso ao mesmo tempo grande resolução, promptidão e prudencia. Se a primeira occasião se perde, toda a probabilidade pôde desaparecer e está inutilisado longo trabalho. Pelo ar inquieto dos officiaes dir-se-hia que tem medo, tanto olham e examinam tudo; pela direcção da linha sabem se a baleia anda a prumo, se corre sobre a agua ou se volta á superficie e manobram n'essa conformidade.

(Continúa).

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO